

*Ensaio***O PAPEL DO PROCESSO METONÍMICO NO CONTEXTO DA LINGUÍSTICA COGNITIVA NA CRIAÇÃO DE CATEGORIAS CONCEITUAIS***Natalia Elvira Sperandio**

RESUMO: Este artigo propõe uma discussão teórica acerca do papel assumido pelo processo metonímico no contexto da cognição humana na construção conceitual de categorias ordinárias. Todo debate foi construído com o intuito de ratificar o argumento construído pelos estudiosos no âmago da Linguística Cognitiva, a saber, que a metonímia, além de ser um processo básico da categorização humana, é fundamental e imprescindível na criação de categorias. Logo, pautado em uma metodologia bibliográfica, com um *corpus* constituído por expressões corriqueiras, chegamos à conclusão de que o processo metonímico tem seu valor subestimado pelo fato de ser confundida com outro importante processo cognitivo, a metáfora.

PALAVRAS-CHAVE: Categorização; Linguística Cognitiva; Metonímia.

Introdução

A partir dos trabalhos produzidos por Rosch e seus colaboradores (1973, 1975), sobre a organização das categorias de plantas e cores, abriu-se uma nova possibilidade sobre se pensar o processo de categorização. A partir desses trabalhos passou-se ser possível abordar os estudos semânticos por uma abordagem cognitivista.

Assim, temos a proposição de uma nova semântica, a Semântica Cognitiva que, atrelada ao campo da Linguística Cognitiva, tem como objetivo investigar os sistemas conceituais, significados e inferências, tomando como pressupostos básicos os princípios segundo os quais os conceitos são engendrados por meio do corpo, cérebro e experiência no mundo, isto é, adquirem significados a partir da corporificação, especialmente por meio das capacidades perceptuais e motoras.

Semântica essa que teve grande impulso a partir da década de 1980 com a publicação seminal da obra *Metaphor we live by*. Nesse trabalho, Lakoff e Johnson procuraram debater o papel desempenhado pela metáfora na organização do sistema conceitual humano, demonstrando, por meio de diferentes expressões linguísticas, o papel dos mapeamentos metafóricos na organização da nossa vida diária, ressaltando a relação intrínseca existente entre cognição,

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Titular da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ).

corpo e cultura. Logo, os conceitos passam a ser vistos como frutos dessa relação, o que coloca em xeque a tradição cartesiana pautada na dualidade mente e corpo. Outro fator demonstrado nessa obra foi a importância assumida pela fisiologia e experiência humana na construção conceitual.

Dessa forma, com base nesse trabalho, muitos autores encontraram na Semântica Cognitiva subsídios para abordarem outros fenômenos que ultrapassam o campo da metáfora. Podemos citar, a título de exemplos, as pesquisas desenvolvidas por Barcelona (2003) e Lakoff (1987) sobre metonímia, por Tomasello (2003) sobre aquisição de linguagem, por Langacker (1987) sobre Gramática Cognitiva, Fauconnier e Turner (2002) sobre Teoria da Mesclagem Conceitual, por Fillmore (1975) sobre Semântica de *Frames*, dentre outras pesquisas que tiveram suas origens atreladas ao contexto da Semântica Cognitiva.

No entanto, quando direcionamos nosso olhar para as investigações propostas observamos que nada se compara a grande quantidade de estudos sobre o processo metafórico, tanto no contexto nacional quanto no internacional. Prevalência que se mantém até os dias atuais, mesmo já transcorridos quarenta anos da obra de Lakoff e Johnson (1980).

Diante de tal situação, nos questionamos o porquê de tamanho interesse, pois, como é advogado pelo próprio Lakoff (1987), o processo metonímico é considerado uma das características básicas da cognição humana. Para o autor, é extremamente comum as pessoas tomarem um aspecto bem conhecido ou de fácil percepção de algo e usá-lo para representar a coisa como um todo ou como uma de suas partes, sendo essa a definição de metonímia por ele utilizada. Isso torna o processo metonímico a maior fonte dos efeitos prototípicos, sendo esses de extrema importância para a nossa conceitualização.

Com isso posto, o presente artigo tem como finalidade promover um debate acerca do papel do processo metonímico na construção conceitual, tendo como base as pesquisas propostas e desenvolvidas no âmbito da Linguística Cognitiva (LC). Nosso trabalho consiste em demonstrar a importância da metonímia na construção conceitual do mundo que nos cerca. Para isso, traçaremos um percurso teórico que tem como início os estudos tradicionais até culminar nas pesquisas mais recentes, no campo da LC.

Assim, iniciaremos com a proposta que a concebiam como mero ornamento linguístico, alcançando pesquisas que a concebem como importante mecanismo no aparato cognitivo humano. Para tal desenvolvimento, utilizaremos como metodologia de trabalho a pesquisa bibliográfica, já que todo o trabalho aqui apresentado foi construído a partir de leituras das principais teorias destinadas à metonímia. Como resultado, observamos que, comparado à metáfora, a metonímia, além de possuir papel significativo na construção de conceitos

ordinários, é um processo cognitivo básico, atuando de forma significativa na construção conceitual.

Como forma de demonstrarmos tal papel, traremos para o nosso debate exemplos cotidianos de expressões linguísticas licenciadas pelo processo metonímico. A escolha dessas expressões corrobora com o argumento de que grande parte das categorias conceituais, por nós utilizadas, são oriundas do processo metonímico, sendo assim, nada mais plausível do que recorrer a expressões linguísticas corriqueiras.

Finalizamos com a asserção de que pesquisas, como a apresentada aqui, são de extrema importância, já que ainda são poucos os autores que se preocupam com o papel da metonímia no processo de categorização, sendo essa colocada em segundo plano a favor do destaque dado ao processo metafórico.¹

Abordando o processo metonímico

Após quarenta anos do trabalho seminal sobre metáfora, desenvolvido por Lakoff e Johnson (1980), tem tornado-se aparente, principalmente no âmbito da Linguística Cognitiva, a importância do processo metonímico que, assim como a metáfora, passa a ser abordado como fenômeno cognitivo que subjaz nosso pensamento ordinário e, considerado por muitos autores, como mais básico que o processo metafórico. No entanto, apesar desse crescente interesse, quando nos voltamos para a literatura dedicada à produção de sentido, ainda observamos a centralidade ocupada pelo processo metafórico.

Como advoga Al-Sharafi (2004), os estudos metonímicos apresentam dois tipos de reducionismos: o teórico, já que sua natureza é reduzida à mera substituição, negligenciando suas dimensões cognitivas e pragmáticas; e o prático, que a reduz ao nível da substituição lexical, negligenciando seu potencial ao nível do texto.

Jakobson (1956, 2003) também advoga que “nada comparável à rica literatura sobre metáfora pode ser citado para a teoria da metonímia” (JAKOBSON, 2003, p.47). De acordo com Paiva (2010), essa citação ainda continua verdadeira, mesmo transcorrido meio século. Para Al-Sharafi (2004), os filósofos e retóricos negligenciavam o estudo metonímico porque suas preocupações estavam voltadas ao uso poético da linguagem, e a metáfora era vista como processo primário para o domínio figurativo, pois envolvia simbolismo e unidade de dupla significação.

¹ Destacamos que essa pesquisa faz parte de um trabalho desenvolvido, no ano de 2014, como parte do processo de doutoramento na Universidade Federal de Minas Gerais.

A metonímia pelo viés clássico

Mesmo de forma implícita, alguns estudiosos abordaram o processo metonímico. Aristóteles pode ser tomado como exemplo. Em sua definição de metáfora, o autor propõe quatro relações, sendo três delas metonímicas. Assim, na definição de metáfora “transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (ARISTÓTELES, 1991, p. 273), temos como metafórica apenas a última relação. Pode-se observar, nesse exemplo, que a metonímia foi abordada como subclasse da metáfora.

Como argumenta Eco (1984), a metáfora indicava as figuras retóricas em geral, sendo um gênero do qual todos os outros tropos eram espécies. O tratamento dedicado ao processo metonímico manteve-se dessa forma até 1950, quando Jakobson passou a abordá-la como processo distinto da metáfora. Em seus trabalhos Jakobson propõe que o desenvolvimento do discurso ocorre a partir de duas linhas semânticas, um tópico conduzindo a outro ou por similaridade, ou por contiguidade, sendo a metáfora relacionada ao primeiro, e a metonímia ao segundo.

Os postulados do autor possuem como base os pressupostos dos polos sintagmático e paradigmático de Saussure. Nesse contexto, a seleção está voltada ao polo paradigmático e a contiguidade ao polo sintagmático. Dirven (2003) afirma que, para Jakobson, os polos metafórico e metonímico são considerados importantes possibilidades de conceitualização humana, podendo aplicar-se a qualquer signo linguístico que envolva dois modos de arranjo: seleção, substituição de um pelo outro, e combinação ou contextura, sendo a operação sintagmática pautada na contextura e a paradigmática na seleção.

Todavia, mesmo com a proposta de Jakobson, a metonímia ainda continuou à margem, fazendo com que o polo sintagmático permanecesse negligenciado, como afirma Dirven (2003). No entanto, nos últimos anos, é possível observar que muitos autores vêm se dedicando ao estudo do processo metonímico, principalmente no campo da Linguística Cognitiva. Diante disso, na próxima seção apresentaremos algumas propostas que abordam esse processo como conceitual e cognitivo.

O processo metonímico pela perspectiva cognitivista

Antes de adentrarmos de forma específica aos estudos metonímicos, produzidos no campo da Linguística Cognitiva, julgamos importante dedicarmos, nessa seção, algumas palavras sobre em que consiste essa Linguística, já que é em seu seio que debruçaremos nosso debate, trazendo para isso expressões linguísticas que permeiam nossa vida diária.

Contextualizando o domínio da Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva teve sua origem na parte final dos anos de 1970, sendo resultado de alguns confrontos epistemológicos entre a semântica e a gramática, de forma especial a Linguística proposta por Noam Chomsky. Para esse pesquisador (apud LAKOFF e JOHNSON, 1999), a gramática é vista como sistema formal e seu desenvolvimento não depende do significado. Na base da discussão problemática chomskyana está um projeto filosófico de caráter cartesiano formalista. Nos trabalhos de Chomsky, a linguagem é concebida como pura forma, e a sintaxe como a essência constitutiva da linguagem, considerada a parte criativa da mente humana.

Opondo-se à essa abordagem, vista como desincorporada, temos a proposição de trabalhos empíricos que visam trabalhar o problema da significação por meio de uma abordagem que entrelace o processo interacional, as estratégias comunicativas envolvidas e a cultura. Logo, a produção de sentido é fruto dessa relação, não sendo mais possível pensar as estruturas formais da linguagem como autônomas, mas como reflexo da organização conceitual geral, princípios de categorização e mecanismos de processamento (GIBBS, 2006).

Nesse contexto, a Linguística Cognitiva encontra-se atrelada a dois princípios: o da generalização (investiga os princípios gerais que regem a linguagem, tais como, inferências, polissemia, campos semânticos e estrutura conceitual na semântica), e do cognitivo, fazendo com que as descrições dos aspectos da linguagem sejam consistentes com os estudos da cognição humana.

Algo que necessita ser destacado é o fato da Ciência Cognitiva, área na qual encontra-se inserida a Linguística Cognitiva, ser dividida em duas fases: a primeira relacionada à ideia da computação simbólica, na qual a razão era concebida como desincorporada e literal. Nesse caso, o estudo da mente era feito por meio de suas funções cognitivas, sem considerar qualquer função do corpo ou cérebro. Com isso, os significados eram concebidos de duas formas: ou eram definidos totalmente a partir do relacionamento interno entre os símbolos, ou os símbolos que caracterizavam o pensamento eram concebidos como representações internas de uma realidade externa.

Por outro lado, na segunda fase temos uma nova postura. Nessa, a origem de nossa estrutura conceitual está em nossa experiência sensório-motora e nas estruturas neurais; as estruturas mentais são significativas devido à sua conexão com nosso corpo e nossas experiências corpóreas; o sistema conceitual é pluralístico e não monolítico, de forma que os conceitos abstratos podem ser definidos a partir de múltiplas metáforas que podem ser inconsistentes entre si; há um nível básico de conceitos a partir do qual se organizam parte de

nossos esquemas motores e da capacidade para percepções gestálticas e formação de imagem; as estruturas de nosso cérebro projetam a ativação de padrões de áreas sensório-motoras para níveis corticais mais altos, constituindo as chamadas metáforas primárias, sendo que essas projeções nos possibilitam conceitualizar noções abstratas baseadas em padrões inferenciais, utilizados nos processos sensório-motores e ligados diretamente ao corpo; as estruturas dos conceitos incluem tipos diversos de protótipos, tais como: casos típicos, casos ideais, estereótipos sociais, exemplares salientes, pontos de referência cognitivos, entre outros; a razão é corpórea, já que formas de inferências fundamentais possuem origem em formas sensório-motoras e em outras formas de inferência que, por sua vez, possuem como base a experiência corpórea; e a razão é imaginativa na medida em que o mapeamento das formas de inferências é feito através de modos abstratos de inferências pela metáfora (FELTES, 2007).

Nesse contexto, destacamos o papel da Semântica Cognitiva. Por estar atrelada à Linguística Cognitiva, é muito comum terem as suas trajetórias entrelaçadas, fazendo com que utilizemos o termo Linguística Cognitiva para os estudos produzidos nesta área. No entanto, devemos nos ater ao fato de a Semântica Cognitiva possuir como interesse uma das áreas abordadas por essa Linguística, a saber a questão da construção conceitual e a sua organização. Assim, essa Semântica é a responsável por investigar os sistemas conceituais, significados e inferências com base nos postulados acima apresentados, ou seja, com base nos trabalhos apresentados e desenvolvidos no interior da Linguística Cognitiva.

Não podemos deixar de citar o fato de a experiência ser um dos pilares dessa Semântica. Como o próprio Lakoff (1987) postula, devemos abordar o sentido experiencial de forma ampla, o que nos leva a considerar nossas experiências sensório-motoras, emocionais, sociais e capacidades inatas, sendo essas apreendidas de forma direta ou indireta. Com essa proposta, a Semântica Cognitiva passa a adquirir o adjetivo experiencialista, sendo assim também conhecida como Semântica Cognitiva Experiencialista, uma forma encontrada pelo autor para se opor a abordagem por ele denominada de objetivista. Mas em que consiste essa abordagem? Para compreendê-la melhor devemos voltar a nossa atenção aos trabalhos propostos e desenvolvidos sobre categorização.

O processo de categorização humano

Sabemos que a categorização é um processo inerente ao ser humano. É comum categorizarmos o mundo ao nosso redor desde os nossos primeiros anos de vida. Por isso, não seria estranho esse processo ter despertado o interesse, e ainda despertar, de grandes

estudiosos. Estudos que remontam à época de Aristóteles, sendo o filósofo o responsável pela distinção entre a essência de uma coisa e seus acidentes: a essência que faz a coisa ser o que ela é, são suas partes imanentes que indicam sua individualidade; enquanto que o acidente não desempenha papel na construção do sentido.

Logo, a categoria era definida por um conjunto limitado de condições suficientes e necessárias, sendo essas condições limitadas como claras, discretas ou essenciais. Porém, a abordagem clássica não era fruto de um estudo empírico, mas de reflexões filosóficas. Assim, na abordagem clássica a categorização era feita a partir das características suficientes e necessárias, ou seja, as coisas eram categorizadas a partir da base daquilo que possuíam em comum.

Essa perspectiva foi mantida até os últimos trabalhos de Wittgenstein, já que as categorias eram vistas como recipientes dentro dos quais estariam as coisas, e, na parte exterior, sua identidade organizacional no grupo era definida pelas características comuns, de forma que, nessa caracterização clássica, nenhum membro da categoria poderia possuir *status* especial, já que todos dividiam propriedades em comum.

Colocada como algo inquestionável até meados dos anos oitenta, até o surgimento das pesquisas no interior da psicologia cognitiva, em especial, com as pesquisas propostas por Eleanor Rosch e seus colaboradores.

Com os trabalhos desses pesquisadores, a categorização passa a ser vista como resultante de protótipos, sendo as pesquisas denominadas Teoria Prototípica da Categorização. Rosch, tendo como base os estudos de Brent Berlin e Paul Kay sobre a categorização das cores, observou que, ao categorizarmos, há o foco mais representativo, o foco central que passou a ser visto por ela como protótipos.

Com base nesse trabalho, Rosch investigou se o foco central era enraizado na linguagem ou na cognição linguística. Para tal, a autora recorreu a informantes que tinham pouco conhecimento de nomes de cores, nesse caso, crianças da pré-escola de Nova Guiné. Como resultado desse estudo temos que: a saliência das cores focais é maior do que as não focais; essas cores são lembradas mais precisamente pela memória de curto prazo e retiradas facilmente pela memória de longo prazo; os nomes dessas cores são produzidos de forma rápida nos exercícios de nomeação e adquiridos mais cedo pelas crianças.

Com o intuito de ampliar suas pesquisas, Rosch direcionou-se às formas. Nesse momento, a autora pediu aos seus informantes que descrevessem as figuras, apresentadas por ela, a pessoas que não podiam vê-las. Nesse estudo, a autora possuía o objetivo de confirmar a noção do protótipo natural no âmbito das formas. Articulando com as descobertas feitas

no estudo das cores, estes resultados sugerem que os protótipos naturais possuem função crucial nos diversos estágios presentes na formação e na aprendizagem das categorias.

Além do mais, em parceria com Mervis, Rosch (1975) propôs o que ficou conhecida como categoria de nível básico. Segundo as autoras, é nesse nível que os objetos concretos do mundo se dividem em categorias. Assim, teremos:

SUBREORDENADO	Animal	Mobília
NÍVEL BÁSICO	Cachorro	Cadeira
SUBORDENADO	Cão de caça	Cadeira de Balanço

Com isso, as pesquisadoras consideram que o nível básico é o primeiro a ser nomeado, aprendido e a entrar no léxico da língua. Nesse uma única imagem mental pode refletir toda a categoria. É o nível mais inclusivo da categoria, onde as formas dos objetos são parecidas, e, dessa forma, reconhecidas mais facilmente. Para Lakoff (1987) grande parte de nosso conhecimento é organizado nesse nível.

Assim, com as suas pesquisas, Rosch foi capaz de mudar a forma pela qual o processo de categorização era concebido, trazendo esse debate para a área da cognição. Diante de tal importância, apresentamos abaixo as três fases da sua pesquisa: na primeira fase a distinção dos protótipos era feita basicamente por: a) saliência perceptual; b) maior memorabilidade, ou seja, são aprendidos mais facilmente; e c) a generalização feita através de um estímulo para outro que lhe seja similar fisicamente; na segunda fase há os efeitos prototípicos promovendo a caracterização da estrutura interna da categoria. Assim, os melhores exemplos poderiam refletir a estrutura interna da categoria; por fim, na terceira fase, os efeitos prototípicos teriam fontes não determinadas. Esses efeitos determinam a possibilidade do que poderia ser uma representação, mas não há correspondência entre os efeitos e a representação mental.

É nessa última fase que Lakoff (1987) se filiará para desenvolver sua proposta dos Modelo Cognitivos Idealizados (MCI), afirmando que os fenômenos prototípicos devem ser vistos como superficiais, sendo as suas fontes os MCI, que são produtos da nossa cognição. Logo, os efeitos prototípicos são considerados subprodutos de estruturas cognitivas complexas, consequência da forma pela qual nossos conhecimentos e experiências são organizados em nossa mente. Destacando que, como veremos na próxima seção, nessa proposta a metonímia é concebida como um desses modelos, mas não um modelo qualquer, e sim a maior fonte dos protótipos.

Tendo como base tais postulados, passamos na próxima seção a debater sobre o processo metonímico no campo da Linguística Cognitiva.

Os estudos metonímicos no âmbito da Linguística Cognitiva

Nesta seção abordaremos os estudos metonímicos no campo da Linguística Cognitiva. Para tal, iniciamos com a forma pela qual a metonímia foi abordada por Lakoff e Johnson (1980). Para esses pensadores, em um primeiro momento, a metonímia foi trabalhada tendo como função central a referencialidade, ou seja, sua função primária seria nos permitir utilizar uma coisa para representar outra; enquanto a metáfora possuía o papel de conceber uma coisa em termos de outra, tendo a função da compreensão/entendimento.

No entanto, em um segundo momento, os autores passam a considerar, da mesma forma que a metáfora, a metonímia como processo cognitivo, sendo a diferença entre elas pautada no número de domínios, na metáfora temos a presença de dois domínios distintos, um mapeamento múltiplo; enquanto na metonímia apenas um único domínio e mapeamento. Lakoff e Johnson (2003) advogam que nos dois processos há mapeamento conceitual, com coativação neural em ambos. Dessa forma, na metáfora temos a coativação de dois domínios e na metonímia a coativação de dois elementos de um mesmo *frame*. Para compreendermos de forma mais clara os conceitos propostos pelos autores, apresentamos, a seguir, alguns exemplos:

Iniciamos com uma metáfora conceitual, estudada por Lakoff e Johnson (1980), muito utilizada em nossa cultura, a metáfora *Raiva é um fluido quente em um contêiner*. Nesse caso, temos a existência de dois domínios conceituais distintos: o domínio-fonte fluido quente em um contêiner, amplamente conhecido pelo falante e por ele experienciado, sendo esse domínio a fonte de inferência para essa metáfora. E o domínio-alvo raiva, domínio abstrato no qual serão aplicados os elementos destacados e mapeados do domínio-fonte. Essa metáfora conceitual licencia expressões linguísticas do tipo:

- Joana estava vermelha de raiva.
- Maria estava a ponto de explodir.
- Carlos estava fervendo de raiva.
- Ele soltou sua ira.

De acordo com Lakoff (1987), tal metáfora baseia-se no senso comum sobre os efeitos fisiológicos da raiva: aumento de calor do corpo, aumento da pressão interna, agitação e

interferência de percepção. O autor prossegue afirmando que, no contexto da teoria popular, com o aumento da raiva há o aumento dos efeitos fisiológicos, fazendo com que tais efeitos interfiram no funcionamento normal do organismo.

Ao promover a análise dessa metáfora, Lakoff (1987) promove a seguinte correspondência entre os domínios que a compõem: correspondências ontológicas que dizem respeito às entidades desses domínios, e as epistemológicas relativas aos conhecimentos que possuímos desses domínios. Nas correspondências ontológicas teríamos:

- Contêiner é um corpo
- Calor do fluido é a raiva
- Escala do calor é a escala da raiva
- Calor do contêiner é o calor do corpo
- Pressão do contêiner é a pressão do corpo
- Agitação do fluido e do contêiner é a agitação física
- Explosão é a falta de controle
- Perigo da explosão é a falta de controle
- Frieza no fluido é a falta da ira
- Calmaria no fluido é a falta de agitação

Por outro lado, temos as seguintes correspondências epistêmicas:

- **Fonte:** o efeito intenso do calor do fluido é o calor do contêiner, pressão interna e agitação.
- **Alvo:** o efeito da ira intensa é o corpo quente, pressão interna e agitação.
- **Fonte:** quando o fluido é aquecido até um certo limite, há aumento da pressão ao ponto do contêiner explodir.
- **Alvo:** quando há aumento da ira até um certo limite, a pressão aumenta ao ponto da pessoa perder o controle.
- **Fonte:** uma explosão é prejudicial para o contêiner e perigosa para aqueles que a assistem.

- **Alvo:** a perda de controle é prejudicial para a pessoa irada e perigosa para as outras pessoas.
- **Fonte:** uma explosão pode ser prevenida pela aplicação de força e energia suficientes sobre o fluido.
- **Alvo:** a perda de controle pode ser prevenida pela aplicação de força e energia suficientes sobre a raiva.

(LAKOFF, 1987, p. 387)

Por outro lado, com base no conceito de metonímia acima apresentado, Lakoff (1987) aponta que no conceito de raiva podemos também observar um princípio metonímico geral, segundo o qual os efeitos fisiológicos da emoção são tomados como um todo. Assim, teríamos:

- Calor do corpo: “Eles estavam tendo uma discussão aquecida”.
- Pressão interna: “Quando descobri, quase estourei uma artéria”.
- Vermelhidão na face e na área do pescoço: “Ela estava vermelha de raiva”.
- Agitação: “Eu estava enlouquecendo com aquela situação”.
- Interferência na percepção: “Ela estava cega de raiva”.

Logo, nos exemplos metonímicos acima, observamos que temos um único domínio, o domínio da raiva, com o mapeamento de apenas um único elemento, no caso de um efeito fisiológico, na construção conceitual das sentenças acima. Assim, temos a coativação de dois elementos de um único *frame*.

Importante destacarmos que os autores advogam que, da mesma forma que a metáfora, a metonímia não possui ocorrência arbitrária ou aleatória, mas conceitos sistemáticos, fazendo com que as sentenças metonímicas sejam consideradas instâncias de conceitos metonímicos gerais a partir dos quais organizamos nossos pensamentos e ações. Lakoff (1987) inclui o processo metonímico em sua Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados - TMCI. O pesquisador afirma que os sentidos resultantes dos modelos metonímicos são sustentados indiretamente em nossas experiências concretas. Esses modelos ocorrem em um único domínio conceitual, onde temos a presença de dois elementos, sendo que um pode ser representado pelo outro. De acordo com o autor, nesse modelo há um aspecto de fácil percepção, entendimento, “que é utilizado para representar a coisa como um todo ou algum outro

aspecto ou parte dela” (Lakoff, 1987, p.77). Nesse sentido, temos um conceito **A** que deve ser compreendido em uma estrutura conceitual que contém tanto **A** quanto outro conceito **B**, sendo esse ou parte de **A**, ou associado a ele na estrutura. A escolha de **B** determinará **A** nessa estrutura, sendo que comparado a **A**, **B** ou é de fácil compreensão, ou mais fácil de ser lembrado, reconhecido ou imediatamente útil para a proposta em um dado contexto. Assim, o modelo metonímico é um modelo que exemplifica como **A** e **B** são relatados em uma estrutura conceitual, sendo a relação especificada pela função de **B** para **A** (XXX, 2010).

Um exemplo comum que demonstra esse conceito proposto por Lakoff (1987) seria licenciado pela expressão: “Rei do futebol”.

Quadro 1 - Modelo Cognitivo Idealizado Metonímico

Conceito A para ser compreendido com algum propósito.	A = Pelé, contexto = futebol brasileiro
Há uma estrutura conceitual contendo A e B .	A = Pelé, B = Rei do futebol
B é parte de A ou está intimamente a ele relacionado.	Devido à grande habilidade de Pelé no futebol, esse passou a ser reconhecido pela expressão rei do futebol.
A escolha de B determinará A nessa estrutura conceitual.	Por inferência, Rei do futebol está relacionado a Pelé.
Comparado a A , B é mais fácil de compreender, lembrar, reconhecer ou imediatamente mais usado em um determinado contexto, para um determinado propósito.	A expressão Rei do futebol é utilizada no contexto futebolístico como forma de homenagear Pelé pela sua brilhante carreira enquanto jogador: “Em 1969, Veja dedicou sua reportagem de capa ao Rei do futebol”.
O modelo metonímico é aquele em que A e B estão relacionados em uma estrutura conceitual, sendo a relação estabelecida de B para A .	Rei do futebol = fonte; Pelé = alvo

Fonte: A própria autora

Outro estudioso que se dedica aos estudos da metonímia é Croft (2003). Tendo como base o conhecimento enciclopédico, reivindicado pela Semântica Cognitiva, o autor advoga que um conceito pressupõe vários domínios como, por exemplo, o conceito de ser humano que é definido em relação aos domínios de objeto físico, coisas vivas, agentes, dentre outros domínios; sendo a combinação simultânea desses domínios denominada de domínio matriz.

Para o autor, torna-se crucial a noção de domínio na diferenciação entre metáfora e metonímia, pois naquela temos o mapeamento de domínios e nesta o destacamento de domínios. Dessa forma, a metáfora é definida como mapeamento entre domínios que não fazem parte de um mesmo domínio matriz, diferente da metonímia que é vista, por esse autor, como o mapeamento em um único domínio matriz. Croft (2003) afirma que os domínios possuem um importante papel na interpretação dos sentidos metonímicos, pois, nesse

processo, colocamos em primeiro plano o que ficaria em segundo no significado literal. Vamos entender melhor essa questão. Observem as sentenças abaixo:

Guimarães Rosa não é uma leitura fácil.

Guimarães Rosa gasta muito de seu dia lendo.

Temos como domínio matriz das sentenças acima Guimarães Rosa, possuindo como domínio central pessoa e outros domínios, como o da atividade criativa, englobando todos os trabalhos do autor. Como na primeira sentença temos como referente os trabalhos desse autor, destacamos o domínio da atividade criativa, enquanto que na segunda sentença temos como referente a pessoa Guimarães Rosa, destacando assim o domínio pessoa. Com isso, colocamos em primeiro plano, no sentido metonímico, o que ficaria em segundo plano, no sentido literal. O autor afirma que o destacamento de domínios deve ser considerado uma condição necessária, mas não suficiente, para a ocorrência do processo metonímico, já que esse processo também envolve mudança de referencial.

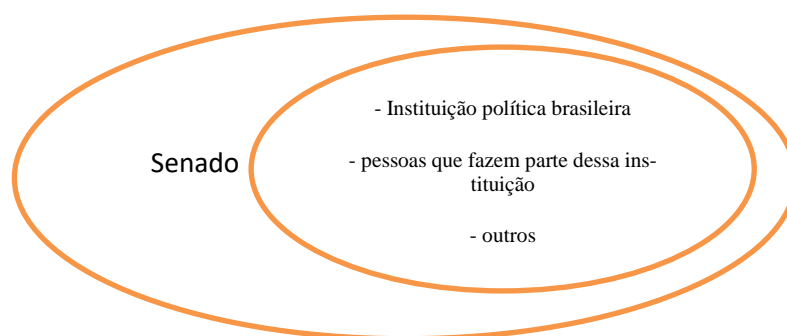
Nesse contexto cognitivo, também encontramos o trabalho de Radden e Panther (1999). Em seus trabalhos, os autores caracterizam a metonímia como fenômeno cognitivo que subjaz nosso pensamento ordinário, sendo esse fenômeno mais fundamental que a metáfora. Para os pesquisadores, torna-se fundamental abordar a estrutura conceitual, da qual a metonímia faz parte, a partir de *frames*, cenários, domínios (CROFT, 2003) e modelos cognitivos idealizados (RADDEN; KÖVECSES, 1999); porque dessa forma estabilizamos a metonímia em um sentido mais amplo e suspendemos sua função referencial. Eles afirmam que a metonímia não pode ser considerada como mera substituição de expressões linguísticas, mas como processo cognitivo que evoca um *frame* conceitual (modelos cognitivos idealizados, domínios, cenários, *frames*, *scripts*).

Nessa mesma direção, há o estudo proposto por Barcelona (2003). O autor afirma que a metonímia é um mecanismo cognitivo no qual um domínio experiencial é parcialmente compreendido em termos de outro domínio experiencial, incluído em um domínio experiencial comum. Nessa perspectiva, a relação estabelecida não é entre entidades, mas entre domínios, pois as entidades abstratas normalmente possuem uma estrutura conceitual complexa, ou seja, constituem domínios de espaço relativo, sendo esses domínios abstratos ou básicos. Dessa forma, uma entidade física individual, como um dedo, constitui um domínio abstrato que, para que seja compreendido, pressupõe certo aspecto de conhecimento, como que ele faz parte da mão, a base na qual será perfilado. Para o pesquisador isso indica que os

elementos ligados pela metonímia são dois domínios, sendo que, como a metonímia ocorre em um único domínio, um desses domínios é denominado de subdomínio, se ele estiver incluído no domínio experiencial geral com o qual a metonímia opera.

Barcelona (2003) também advoga que o processo metonímico consiste ao mesmo tempo em mapeamento, ativação e destacamento. Portanto, haverá o destacamento de um (sub)domínio, fonte, que nos fará ativar mentalmente um outro (sub)domínio, alvo, fazendo com que a fonte seja mapeada ao alvo, sendo que essas três operações ocorrem em um mesmo domínio geral. O autor alega que, diferentemente do que ocorre no mapeamento metafórico, onde há a preservação da estrutura de imagem-esquemática da fonte ao alvo, no processo metonímico não haverá essa preservação. Logo, na metonímia, teremos a projeção do TODO sobre PARTES, PARTES sobre TODO e PARTE sobre PARTE, sendo que suas contrapartes serão os domínios ou subdomínios que são ligados por meio de mapeamentos. Essas ligações não exibem correspondências estruturais, isto é, o TODO não possui a mesma estrutura abstrata de suas PARTES. Isso torna o mapeamento, na metonímia, assimétrico fazendo com que a fonte projete sua estrutura conceitual sobre o alvo não por meio de uma correspondência sistemática de contrapartes, mas pela fonte ser colocada conceitualmente em primeiro plano e o alvo em segundo plano. Tomemos como exemplo a expressão metonímica: “Senado aprova proibição de exportação de produtos essenciais ao combate do coronavírus”. Seguindo os postulados do autor, tal expressão pode ser esquematizada da seguinte forma:

Figura 1- Exemplo de processo metonímico



Segundo o autor, dentro do domínio-fonte Senado, há vários subdomínios, que, nesse exemplo, teríamos o destaque de um deles, pessoas que fazem parte dessa instituição. Logo, temos na expressão acima a relação TODO pela PARTE, em que a fonte Senado (TODO) representa suas PARTES (as pessoas que ali trabalham).

Seguindo a proposta dos estudos cognitivos temos Radden e Kövecses (1999) que desenvolvem um estudo conceitual da metonímia como processo cognitivo. Os autores a

consideram um fenômeno conceitual, um processo cognitivo que opera em um modelo cognitivo idealizado. Eles afirmam que como fenômeno conceitual não podemos reduzi-la a mera substituição de palavras, mas como forma diária de pensamento, fundamentada em nossa experiência e estruturando nossas ações e pensamentos. Como processo cognitivo os autores propõem substituir a notação X representa Y, que simboliza relação de substituição, pela X mais Y, simbolizando uma inter-relação que produz um significado novo, complexo. É com base nos postulados de Langacker (1993), sobre ponto de referência, que os autores desenvolvem seu conceito de metonímia. Essa é conceitualizada como fenômeno cognitivo no qual a entidade conceitual, o veículo, promove acesso mental a outra entidade conceitual, o alvo, em um mesmo modelo cognitivo idealizado (MCI).

A opção de Radden e Kövecses (1999) por esses modelos é justificada pelo fato de que, além de abarcarem o conhecimento enciclopédico, temos os modelos culturais, específicos de uma determinada cultura. Além disso, esses modelos não se restringem ao mundo real, da conceitualização ou da linguagem; mas cruzam esses diferentes mundos. Diante disso, a metonímia é considerada, por esses autores, ocorrendo em um nível puramente conceitual (categorização, raciocínio linguístico), presente em diferentes funções linguísticas (referência, predicação, atos de fala), em diferentes níveis da linguagem (léxico, morfologia, sintaxe e discurso) e funcionando como *linkage* inter-relacionando os diferentes realismos ontológicos (conceitos, formas e coisas/eventos).

Os autores também apresentam os diferentes princípios que se fazem presentes na escolha dos domínios que servirão de veículo e alvo em um processo metonímico. Langacker (1993) postula a natureza desses princípios a partir de uma observação feita sobre a função da metonímia. De acordo com esse autor, a metonímia estabelece a reconciliação entre dois fatores conflitantes: a necessidade de sermos claros, ou seja, de conduzirmos nosso interlocutor ao alvo desejado; e a inclinação que possuímos em falarmos utilizando entidades que possuem saliência cognitiva para nós.

Com base nessa colocação, Radden e Kövecses (1999) relacionam a primeira questão ao aspecto comunicativo, e a segunda ao princípio cognitivo. O primeiro relaciona-se à clareza e à relevância e o segundo à experiência humana, à seletividade perceptual e à experiência cultural.

Outro autor que se dedica ao estudo da metonímia é Gibbs (1999). Ele afirma que uma das descobertas mais importantes, relacionada à metonímia, é sua sistematicidade na linguagem convencional, sendo esse estudo desenvolvido no interior da Linguística Cognitiva. Assim, os exemplos metonímicos que encontramos em nossa linguagem são reflexos de seus

princípios cognitivos gerais, em que as pessoas utilizam um aspecto bem conhecido de alguma coisa para representar ou parte dela ou ela como um todo.

Gibbs (1999) afirma que as metonímias possuem um papel importante nas implicaturas conversacionais, ou seja, que nossa habilidade em produzir implicaturas é resultado da nossa capacidade de ver uma declaração metonímica referindo-se a uma sequência total organizada de atividades. De acordo com o autor, temos que fazer a distinção entre linguagem processada metonimicamente, que ocorre em sentenças como “Bebi um copo de água”, onde temos o RECIPIENTE pelo CONTEÚDO; e o processamento metonímico da linguagem, nesse caso uma determinada narrativa tem sua compreensão a partir da inferência de uma fonte rica de informação, como, por exemplo, o *script*, feito pela simples menção de uma parte saliente de conhecimento.

Destacamos também o trabalho de Fauconnier e Turner (1999). Os autores produzem uma ponte entre os estudos metonímicos e a proposta da Integração Conceitual. Essa proposta é considerada uma operação mental básica e penetrante. Nela há a associação de dois espaços de *inputs*, na criação de um terceiro espaço, a mescla, sendo que esse possui estrutura emergente própria. Os autores alegam que é nesse espaço mescla que existe a presença do processo metonímico.

Como forma de exemplificar essa questão temos o seguinte enunciado “Ele tinha fumaça saindo de seus ouvidos”, onde há a presença de uma metonímia, sendo essa apresentada no espaço mescla. Assim, temos dois *inputs*: a fonte, que seria o contêiner; e o alvo, a fisiologia da pessoa. Mas não há nada em um contêiner que se assemelhe a uma orelha e na fisiologia humana que inclua combustão interna. O que ocorre nessa situação é uma projeção seletiva de ambos os inputs que nos conduz a um novo *frame* na mescla.

Porém, tendo como base os estudos de Paiva (2010, 2011, 2012), acreditamos que o processo metonímico também estará presente nos espaços de *inputs*, sendo esses processos metonímicos responsáveis pela criação da metáfora. De acordo com Coulson e Oakley (2003), o processo metonímico possui importante papel na produção do espaço mescla, pois esse processo otimiza a integração, ajudando a manter unida a rede de espaços mentais. Os autores trazem como exemplo a expressão “cavar sua própria sepultura”, onde, de acordo com eles, há muito mais do que o simples mapeamento entre o domínio-fonte (cavar sua sepultura) e o domínio-alvo (problema). A interpretação padrão nos leva a inferir que quanto mais fundo a cova, mais perto estaremos da morte, produzindo uma relação causal direta entre cavar túmulo e morte. Logo, o mapeamento metonímico, que ocorre no domínio-fonte, faz com que sepultura represente morte, produzindo a relação causal entre coveiro e túmulo,

já que o covheiro é o responsável pela escavação da sepultura. Esses mapeamentos metonímicos são projetados ao domínio-alvo fracasso, produzindo a interpretação metafórica. Para os autores, essa interpretação metafórica do fracasso é possível por causa da identificação metonímica da sepultura como morte.

Considerações finais

Como colocado em nossa seção introdutória, o presente artigo teve como foco a análise da forma pela qual o processo metonímico atua cognitivamente na construção conceitual. Para tal, buscamos apresentar as principais teorias, desenvolvidas no contexto da Linguística Cognitiva, de forma especial em sua semântica, como forma de debatermos sobre o importante papel desse processo. Como forma de alcançarmos tal objetivo, buscamos auxílio em expressões linguísticas corriqueiras, o que nos permitiu ratificar nossa hipótese de ser a metonímia um processo cognitivo básico e essencial na construção dos conceitos utilizados para a compreensão da nossa realidade.

Em nossas seções dedicadas à apresentação teórica, observamos que, assim como a metáfora, o processo metonímico, no âmbito das teorias tradicionais, teve seu papel subestimado, sendo visto apenas como mera ornamentação linguística. Porém, diferente da metáfora que, a partir da década de 1980 teve sua função elevada, sendo concebida como onipresente no pensamento humano, a metonímia permaneceu, e ainda permanece, na escuridão, não sendo vista como importante mecanismo cognitivo atuante na elaboração dos conceitos. Assim, apesar de já termos um número significativo de pesquisas dedicadas a esse processo, é possível verificarmos que ainda a metonímia não alcançou seu verdadeiro patamar, sendo relegada a segundo plano.

Como as teorias cognitivas apresentadas nos revelam, o processo metonímico pode ser considerado como básico na cognição humana, sendo ele uma das principais fontes dos efeitos prototípicos. Isso faz com que sua importância seja clara, já que, como colocado, nossas categorias são construídas através desses efeitos. Acreditamos que ainda há muito o que ser estudado e pesquisado sobre a metonímia, por isso a importância de trabalhos como o aqui apresentado. Muitas perguntas ainda necessitam ser respondidas, dentre elas: por que não atribuir à metonímia a mesma importância dada a metáfora? A nosso ver uma das respostas a essa questão seria o fato de, muitas das vezes, ocorrer a inter-relação entre elas, sendo que, em alguns casos, esses processos se misturam, não sendo possível reconhecê-los. Ideia defendida por XXX (2014) e que pode ser confirmada pela própria definição proposta por Aristóteles, como acima apresentado.

Finalizamos com a certeza de que trabalhos, como o aqui apresentados, são de extrema importância para o meio acadêmico interessado em compreender a categorização humana, pois, a nosso ver, não teria como haver construção categorial sem o processo metonímico, questão que ganhou força com as pesquisas de Rosch sobre a Teoria dos Efeitos Prototípicos, pois esses somente são possíveis graças a capacidade de pensarmos e raciocinarmos por meio desse processo, por meio da metonímia.

THE ROLE OF THE METONYMIC PROCESS IN THE CONTEXT OF COGNITIVE LINGUISTICS IN THE CREATION OF CONCEPTUAL CATEGORIES

ABSTRACT: This article proposes a theoretical discussion about the role played by the metonymic process in the context of human cognition in the conceptual construction of ordinary categories. The entire debate was built with the aim of ratifying the argument built by scholars at the heart of Cognitive Linguistics, namely, that metonymy, in addition to being a basic process of human categorization, is fundamental and essential in the creation of categories. Therefore, based on a bibliographic methodology, with a corpus consisting of common expressions, we reach the conclusion that the metonymic process has its value underestimated because it is confused with another important cognitive process, the metaphor.

KEYWORDS: Categorization; Cognitive Linguistics; Metonymy.

REFERÊNCIAS

- AL-SHARAFI, A. G. M. *Textual Metonymy: a semiotic Approach*. New York: Palgrave/MacMillan, 2004.
- ARISTÓTELES. *Poética*. [Tradução de Eudoro de Souza]. São Paulo: Nova Cultura, 1991. p. 245-285.
- BARCELONA, A. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, A. (Ed.). *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p.1-28.
- COULSON, S.; OAKLEY, T. *Metonymy and conceptual blending*. Disponível em: <<http://www.Cogsci.ucsd.edu/~coulson/metonymy-new.htm>> Acesso em: 1dez. 2013.
- CROFT, W. The Role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 161- 205.
- DIRVEN, R. Metonymy and metaphor: Different mental strategies of conceptualization. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 75-111.
- ECO, U. *Semiotics and the Philosophy of Language*. London: Macmillan, 1984.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FELTES, H. P. M. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FILLMORE, C. *Semântica de Frames*. Cadernos de tradução, Porto Alegre, n. 25, p. 25-54, 2009.

GIBBS, R. W. Jr. Cognitive Linguistics and metaphor research: past successes, skeptical questions, futures challenges. *Delta*, São Paulo, v. 22, 2006, p. 1-20. Disponível em: www.scielo.org/cgi-bin/wxis/iah. Acesso em 19 nov. 2008.

GIBBS, R. Speaking and Thinking with Metonymy. In: Panther, K. U.; Radden, G. (Eds.). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 61-76.

JAKOBSON, R. The metaphoric and metonymic poles. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 41-47.

_____. The metaphoric and metonymic poles. In: JAKOBSON, R.; HALLE, M. (Eds.). *Fundamentals of language*. Vol. 2. Paris: Mouton, 1956. p. 90-96.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____; _____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

_____; _____. *Metaphors we live by*. 2.ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LANGANKER, R. *Reference-point constructions*. *Cognitive Linguistics* 4, 1993. p. 1-38.

PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. Processamento metafórico e metonímico na produção de texto/sentido: um exemplo de compressão fractal. In: SILVEIRA, E. M. (Ed.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p.351-373

PAIVA, V. L. M. O. A Metonímia como processo fractal multimodal. *Veredas*, v. 01, n. atemática, p. 07-19, 2010. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2010.

_____. O processamento metonímico/metafórico à luz da teoria do caos/complexidade. *Revista Portuguesa de Humanidades-Estudos Linguísticos*, Braga, v.15, n.1, p.51-66, 2012.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K. U.; RADDEN, G. (Eds.). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 17-59

RADDEN, G.; PANTHER, K. U. *Metonymy in Language and Thought*. In: PANTHER, K. U.; RADDEN, G. (Eds.). Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 01-14.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 104, n. 03, p. 192-233, set. 1975.

_____. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MORE, T. E. *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press, 1973. p.111-144.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family Resemblances: studies in the internal structures of categories. *Cognitive Psychology*. v. 7, n. 4, p.573-605, Out. 1975.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

Recebido em: 24/08/2021.

Aprovado em: 09/12/2021.